

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LASEB
CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

CLEONICE BATISTA DE SOUZA

**PERCURSOS DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DE CRIANÇAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte
Dezembro de 2019

CLEONICE BATISTA DE SOUZA

**PERCURSOS DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DE CRIANÇAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte
Dezembro de 2019

S729p
TCC

Souza, Cleonice Batista de, 1967-
Percurso de aprendizagem da escrita de crianças de
educação infantil da rede municipal de Belo Horizonte
[manuscrito] / Cleonice Batista de Souza. - Belo Horizonte, 2019.
[51 f.] : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho.
Bibliografia: f. [50-51].

1. Educação. 2. Crianças -- Escrita. 3. Escrita (Ensino
fundamental) -- Estudo e ensino. 4. Educação de crianças.
5. Alfabetização. 6. Aprendizagem. 7. Belo Horizonte (MG) --
Educação.

I. Título. II. Carvalho, Gilcinei Teodoro. III. Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.634

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

CLEONICE BATISTA DE SOUZA

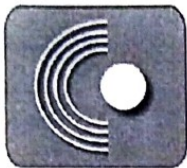
**PERCURSOS DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DE CRIANÇAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais

Aprovado em 07 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Faculdade de Educação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO SEXAGÉSIMO NONO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Percurso de aprendizagem da escrita de crianças de Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte”, do(a) aluno(a) **Cleonice Batista de Souza**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Gilcinei Teodoro Carvalho (orientador) e Cláudia Starling Bosco. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 85, conceito B. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Cleonice Batista de Souza
Cleonice Batista de Souza

Registro na UFMG: 2018749824

Gilcinei Teodoro Carvalho
Gilcinei Teodoro Carvalho
Professor(a) Orientador(a)

Cláudia Starling Bosco
Cláudia Starling Bosco
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a DEUS como forma de gratidão por nunca me deixar desistir. Também às minhas filhas, netos, genros e toda minha família por compreenderem minhas ausências durante o período de estudos. Não me esquecerei dos meus alunos que participaram de todo o processo desta pesquisa, aos professores da FaE e aos colegas de trabalho que sempre me incentivaram. Uma dedicação em especial à minha turma, que durante um ano e meio dividiram comigo momentos alegres, engraçados e de muitos estudos. Sem a força e o carinho de vocês tudo seria em vão.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os percursos do processo de ensino e aprendizagem da escrita com crianças de cinco e seis anos de uma escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte, no ano de 2019. Após receber os alunos novatos, foi realizado um diagnóstico para perceber o nível de desenvolvimento dos aprendizes em relação ao conhecimento da língua escrita, utilizando como norte, atividades que envolvem alfabeto, numerais, escrita espontânea, desenho livre, evolução do desenho, produções livres e portfólio. Utilizei como referenciais teóricos autores como Zabala (1998), Brandão e Rosa (2011) e os cadernos oficiais das Proposições Curriculares da Prefeitura de Belo Horizonte, que discutem as práticas pedagógicas na Educação Infantil, além da coleção Alfabetização e Letramento do Ceale/Fae/UFMG. Os resultados obtidos dos diagnósticos aplicados foram bem diferentes no início do ano em relação aos aplicados no final do mês de novembro do mesmo ano. Houve avanços na aprendizagem da escrita e na evolução do desenho da maioria dos alunos. As atividades realizadas durante o ano letivo se dividiram em livres e dirigidas, em que as crianças tiveram oportunidade de se expressarem através dos desenhos, histórias e escritas feitas através de mediação. O planejamento das atividades permitiu um diálogo entre diferentes saberes pedagógicos, contribuindo para uma melhor atuação em sala de aula, especialmente com o seu uso como avaliação diagnóstica.

Palavras-chave: Educação Infantil; Diagnósticos; Ensino-aprendizagem da escrita; Práticas pedagógicas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
INTRODUÇÃO.....	12
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
PROJETO INSTITUCIONAL “LIVRO AMIGO, VEM LER E SE ENCANTAR COMIGO”	18
ALFABETIZAR OU NÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?	22
CURRÍCULOS DA INFÂNCIA	25
IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
DESCRIÇÃO DA TURMA E DO PLANO DE AÇÃO	32
DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO.....	39
ANÁLISES DE DADOS.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
BIBLIOGRAFIA	49

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória escolar iniciou-se na infância, onde o desejo de ser professora nasceu. Embora com dificuldades financeiras, passei por todas as etapas do ensino fundamental, na Escola Municipal Professora Eleonora Pieruccetti, com excelência. Admirava a escola, os projetos e os professores, no qual me recordo de muitos com alegria.

O segundo grau foi bem mais difícil, pois, além da falta de materialidade, tive que trabalhar pra ajudar a família. Assim, demorei a concluir o magistério no Colégio Municipal de Belo Horizonte. Durante este período, me casei e tive duas filhas. Com o decorrer do tempo, fiz o concurso da prefeitura e passei. Fui chamada na segunda turma de concursados e, durante oito anos, trabalhei na Umei Castelo, inicialmente como professora de apoio no horário intermediário, com crianças de um e dois anos de idade. No ano seguinte, troquei de turno e fui professora regente numa turma de cinco anos. Durante este período tive oportunidade de cursar o “Normal Superior, Veredas” na UFMG. Foram três anos e meio de estudos que aumentaram meus conhecimentos.

Os desafios começaram ao iniciar o ano letivo de 2006 com uma turma considerada “difícil”. Muitas vezes me sentia perdida nas habilidades que deveria desenvolver com os alunos. Aos poucos fui vencendo as barreiras e, ao final do ano, a turma estava mais disciplinada e com melhores rendimentos. Já naquela época, percebia um anseio geral com relação ao currículo a ser dado e por onde começar. Embora fôssemos orientadas pela coordenação pedagógica, na prática real tínhamos que “dar conta do recado” e vencer todos os obstáculos encontrados pelo caminho. Este foi um tempo de aquisição de experiência muito importante na minha vida.

Por dificuldades no deslocamento de uma instituição para outra, fui transferida para EMEI Francisco Azevedo. Uma escola que foi de ensino fundamental e que passou a ser somente de Educação Infantil. Comecei a conviver com a maioria de professoras de ensino fundamental que tinham poucas experiências com a Educação Infantil. Passei por uma experiência não muito boa, pois algumas colegas de trabalho eram do ensino fundamental e demonstravam superioridade em relação aos Educadores Infantis, mesmo sem intenção, não entendendo nosso papel naquela escola. De acordo com o Caderno Fundamentos das Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte;

“Muitas vezes, o atendimento da Educação Infantil em escolas de Ensino Fundamental era realizado em condições inadequadas: ausência de espaços e mobiliários apropriados, falta de banheiros e refeitório adaptados, alimentação igual a das crianças mais velhas. Não existia também, uma proposta pedagógica que apresentasse concepções coerentes com as necessidades e especificidades das crianças de três a seis anos.” (p.27)

Com o tempo, o quadro de professoras de ensino fundamental foi diminuindo, dando mais autonomia às educadoras que iam chegando. Percebia o quanto a nossa prática pedagógica era diferenciada das outras professoras, que aos poucos foram compreendendo toda essa mudança de perfil da escola. As relações foram melhorando e o grupo se fortalecendo.

Além de trabalhar na EMEI Francisco Azevedo no turno da manhã, fiz novamente outro concurso e passei a trabalhar também na EMEI Cavalinho de Pau, no turno da tarde, inicialmente como professora de apoio e posteriormente na coordenação pedagógica. No período que era coordenadora, as indagações quanto ao que se deve ensinar já eram pertinentes e mesmo, na busca por respostas, não chegávamos a um currículo real. Embora tivessem várias formações oportunizadas pela prefeitura, o grupo de professores não entrava num consenso quanto ao currículo a ser desenvolvido durante o ano letivo e com cada faixa etária. Tínhamos a sensação que a escola era dividida em duas partes, na verdade dois turnos bem diferentes. Cada professora seguia seu plano de aula e fazia o que achava certo. Eram poucas as interferências da direção e vice direção. Foram quatro anos tentando fazer com que os pares se encontrassem para definir currículos de acordo com a idade. O período da coordenação passou e assumi uma turma de novatos na faixa etária de três anos, permanecendo com esta turma durante três anos, até saírem da escola com cinco e seis anos de idade. Experiência única e excelente, pois pude acompanhar o crescimento de cada aluno com mais objetividade. A Prefeitura de Belo Horizonte disponibilizou os cadernos das Proposições Curriculares, com a indicação das habilidades para cada faixa etária, o que nos facilitou o trabalho.

No ano de 2019, em função da pós-graduação que já havia iniciado, comecei a trabalhar com uma turma de cinco anos na qual direcionei todo meu plano de ação.

Minha expectativa foi grande, ao se pensar que os alunos passaram por muitas professoras no decorrer do tempo em que estavam matriculados na instituição. Cada professora possui uma formação diferenciada, com experiências diversificadas, conceitos e até mesmo um jeito especial para dar aula. Algumas valorizam mais o brincar, outras priorizam atividades no papel, algumas mais rígidas, outras mais calmas, enfim, cada uma ensina à sua maneira. Muitas encaram a alfabetização e o letramento como atividades e indesejadas por serem mais trabalhosas. São muitas etapas a se vencer e obstáculos que permeiam o espaço escolar. Salas cheias, crianças com aparente dificuldade, sem laudo médico, famílias desestruturadas que acabam refletindo no desenvolvimento da turma, falta de apoio com as crianças mais indisciplinadas, etc. Algumas preferem turmas de alunos menores para que não seja preciso o compromisso do ensino da leitura e da escrita e o de alfabetizar. Se não for por esforço, estudos, persistência, esperança, conhecimentos, nada valerá a pena. As crianças dependem da nossa disposição para ensiná-los da melhor forma. De acordo com Zabala, 1998, p.29.

“É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação”

Sendo assim, percebi a importância desta pesquisa para o embasamento de todo o trabalho escolar, pois temos que insistir naquilo que fazemos para influenciar nossos alunos e estimulá-los a continuar.

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo analisar os percursos de aprendizagem de crianças de cinco e seis anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Cavalinho de Pau, no ano de 2019.

Logo no início do ano letivo de 2019, me deparei com alunos de cinco e seis anos de idade, veteranos na escola. Tive uma sensação estranha, pois parecia que não sabia por onde começar. Foi um começo difícil, porém com muitas expectativas para ensinar e colocar em prática os projetos que tinha em mente. Por já estar cursando a pós-graduação na UFMG, exatamente no curso de Alfabetização e Letramento, busquei o melhor percurso a se seguir durante todo o ano letivo, embora com algumas dúvidas.

Por onde começar? O que esses alunos sabem? Quais as bagagens pedagógicas eles possuem? Preciso alfabetizar? Quais as atividades se fazem necessárias para um melhor aprendizado? Partindo do princípio de que eu mesma precisava trazer as respostas, já nos primeiros dias de aula do ano de 2019, observei quem eram os alunos e através de rodinhas e conversas informais e passei a conhecê-los melhor. Como pesquisadora da minha própria prática, fui percebendo as fragilidades de se ensinar. Passei a fazer observações dos alunos, caracterizando o desempenho dos aprendizes em relação ao conhecimento da língua escrita. Utilizei de atividades diagnósticas para avaliar o que as crianças sabiam, lembrando sempre, que cada criança possui um ritmo para a aquisição de conhecimentos, cabendo ao adulto intermediar esse crescimento com práticas educativas e significativas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, busquei referenciais teóricos que abordassem o tema proposto e utilizei como base principal os cadernos oficiais da Prefeitura de Belo Horizonte, além de autores que defendem uma prática educativa que estabelece consonância entre Alfabetização e Letramento. Utilizei também conhecimentos adquiridos ao longo dos anos trabalhando na Educação Infantil. Optei por uma pesquisa qualitativa com a utilização de atividades de sondagem e diagnósticas como suporte para embasar o trabalho. A sondagem buscou acompanhar a hipótese da escrita das crianças, já que o professor poderia descobrir os avanços e dificuldades individualmente. Essa sondagem funcionou como base diagnóstica para amparar os novos procedimentos a serem feitos de acordo com os resultados. Apliquei os diagnósticos, previamente preparados, com identificação das letras do alfabeto,

numerais, escrita espontânea do nome completo, escrita espontânea de algumas palavras e desenho da figura humana no início de março e reapliquei as mesmas atividades no final do mês de novembro de 2019. Além das atividades diagnósticas para as crianças, elaborei um questionário para as professoras. Porém, pouquíssimas professoras fizeram a devolução. Percebi, com isso, a dificuldade das colegas de trabalho com relação ao tempo disponível até para responderem um questionário.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar os percursos do processo ensino aprendizagem de crianças de cinco e seis anos, na EMEI Cavalinho de Pau. De forma mais específica, busquei conhecer o desempenho dos aprendizes em relação ao conhecimento da língua escrita, identifiquei as crianças com dificuldades pedagógicas após período de adaptação.

Deste modo, minha pretensão foi tentar compreender o porquê de algumas crianças não conseguirem avançar no processo ensino-aprendizagem e também como as habilidades sugeridas nos Cadernos das Proposições me ajudaria no decorrer do ano letivo. Este trabalho foi de extrema importância visto que a aprendizagem depende de esforços conjuntos entre família e escola e das ações e intenções pedagógicas ao longo desse percurso. Para isto, utilizei autores como Zabala (1998), Brandão e Rosa (2011) e os cadernos oficiais das Proposições Curriculares da Prefeitura de Belo Horizonte, que discutem as práticas pedagógicas na Educação Infantil e os cadernos do Ceale (Coleção Alfabetização e Letramento).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta pesquisa está fundamentada nos cadernos oficiais da Prefeitura de Belo Horizonte (Proposições Curriculares), cadernos do Ceale (Coleção Alfabetização e Letramento), autores como Ana Carolina Perrusi Brandão e Ester Calland de Sousa Rosa (orgs.), e Antoni Zabala, ambos relacionados aos percursos de ensino das crianças da Educação Infantil e as questões da Alfabetização e Letramento.

Nos cadernos oficiais das Proposições Curriculares da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, encontramos todo o percurso do ensino da Educação Infantil do Município, divididos em três cadernos; Volume 1 – Fundamentos, Volume 2 – Eixos Estruturadores, e Volume 3 – Linguagens (este ainda não foi entregue aos professores). No caderno sobre Fundamentos, p.11, há o seguinte esclarecimento:

“Como parte das ações pedagógicas voltadas para a melhoria da qualidade do atendimento educacional desenvolvidas na cidade de Belo Horizonte, estamos dedicando atenção especial ao currículo. Nesta perspectiva, realizou-se, em 2007 e 2008, a Rede de Formação e a elaboração coletiva da versão preliminar do documento proposições Curriculares para Educação Infantil.”

Entendemos que, além do histórico da Educação Infantil de Belo Horizonte, os cadernos também apontam as ações pedagógicas, as lutas em prol de melhorias, páginas de reflexão quanto às práticas escolares, as habilidades para cada linguagem e a avaliação na Educação Infantil. Ainda segundo o caderno sobre Fundamentos:

“Acredita-se que essas Proposições Curriculares serão norteadoras e acrescentarão possibilidades ao fazer educativo diário, enriquecendo as propostas pedagógicas já existentes, que devem ser reelaboradas e implementadas a partir do diagnóstico das crianças que fazem parte de cada turma e por meio da competência e do empenho de cada profissional da Educação Infantil.” (p.16)

Além do cuidar e educar, em todo o contexto das Proposições, o Currículo da Educação Infantil também está em evidência.

O livro “Ler e Escrever Na Educação Infantil, de Ana Carolina Perrusi Brandão e Ester Calland de Souza Rosa (orgs) destaca também as práticas pedagógicas como a leitura e a escrita, apresentando um conjunto de artigos para professores que atuam na Educação Infantil. As autoras ressaltam a importância do planejamento e das práticas educativas com as crianças menores de seis anos. Segundo as autoras,

“Temos constatado que, neste campo, muitas professoras sentem falta de referenciais mais claros, que orientem sua prática educativa. Diante deste quadro, ou utilizam os conhecidos exercícios de treino perceptomotor e cópia de letras, a fim de “preparar para alfabetização”, ou abandonam qualquer atividade mais sistemática de leitura e produção escrita por parte dos pequenos. Discordando das duas alternativas, neste livro, argumentamos a favor da possibilidade de que crianças menores de seis anos ampliem suas habilidades de uso da linguagem escrita nas situações de seu cotidiano, bem como comecem a aprender sobre alguns princípios do sistema de escrita alfabética.”
(p.7)

De acordo com o trecho acima, esta é a realidade que percebo comigo e muitas colegas de trabalho. Existe uma necessidade de maiores esclarecimentos sobre os caminhos a serem traçados para uma melhor aprendizagem das crianças. As atividades repetidas a cada ano só nos mostra o quanto ainda temos que melhorar acerca da nossa profissão. Quando estamos em sala de aula, muitas coisas acontecem no cotidiano escolar. Não podemos nos esquecer de que estamos lidando com vidas. As crianças, de uma maneira geral, assim como nós, têm uma cultura fora da escola. Problemas familiares, doenças, transtornos, problemas que entram para a sala nos tirando totalmente do planejamento diário. Acredito que o professor alfabetizador necessita ser respaldado em suas teorias, tendo como suporte autores que descrevam a alfabetização e o letramento de uma forma suave, clara e específica, tornando o fazer pedagógico tranquilo.

As mesmas autoras ressaltam também que:

“Também foi nosso objetivo, aqui, enfatizar que o trabalho com a linguagem escrita nesta etapa não deve ser “menos sistemático”, como se costuma dizer, por se tratar de crianças pequenas. Ser sistemático não significa, portanto, ser enfadonho, repetitivo ou mecânico. A sistematicidade

tem a ver com planejamento, com organização do tempo pedagógico, com intencionalidade.” (p. 30)

Os planejamentos diários também se tornam enfadonhos às vezes, isto por que temos que ter “cartas na manga”, pensando em eventuais problemas que podem ocorrer na sala ou na instituição. Crianças que se machucam, trocas, ausências de professores, apresentações extraclases e a indisciplina. Uma boa organização traz equilíbrio e tranquilidade. Porém, os tempos escolares são poucos para se cumprir um currículo extenso. As crianças necessitam do cuidar e educar de maneira leve, ocupando parte do tempo com brincadeiras lúdicas e prazerosas.



Hora da merenda e momento livre com brinquedos de montar

Outro autor que também faz parte desta pesquisa, Antoni Zabala, em seu livro “A Prática Educativa: como ensinar”, trata das relações interativas na classe, do papel dos professores e alunos, da distribuição do tempo e da organização dos conteúdos.” (Contracapa). Segundo ele, perceber e conhecer quais os avanços pedagógicos que cada criança possui, quais suas necessidades, para assim, saber que tipos de desafios serão enfrentados, para que cada criança seja avaliada de forma individual e estimuladas a se esforçar em sua trajetória escolar. As interações entre os grupos são importantes para o desenvolvimento cognitivo e social, e as relações interpessoais precisam avançar. É através das brincadeiras que muitas emoções são demonstradas e observadas pelos professores

A coleção de livros do Ceale (Alfabetização e Letramento) nos amparou durante toda a pesquisa, visto que os temas abordados são de extrema relevância, no processo de ensino e aprendizagem. Os livros contribuíram nas várias temáticas que influenciaram meu fazer pedagógico. Amparada por nossos professores, a troca de experiências e as apostilas anexas do curso, fortaleceram meu conhecimento e embasaram todo o meu trabalho de pesquisa. Em um dos cadernos “Conhecimento linguístico e Apropriação do sistema de escrita” de Marco Antônio de Oliveira, Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005 entendemos que: “...aprendemos porque somos programados biologicamente para aprender; faz parte da nossa natureza humana a capacidade de aprender de forma racional, e não por associação de estímulos a respostas” (p.18).



Dia do Brinquedo

Todas as sextas-feiras na escola é o dia do brinquedo. Neste dia as crianças brincam juntas, discutem, emprestam, dividem e registram, quando possível, o nome dos brinquedos. Durante a pesquisa pude ver a importância do brincar na Educação Infantil. Papeis, lápis, cadernos, tintas, fazem parte do contexto escolar, mas não substituem jamais as relações interpessoais entre crianças e adultos. Fiz uma autocrítica com o meu jeito de ensinar, colocando em “cheque” o que seria de fato importante para meus alunos durante esse período. Crianças brincam, crianças aprendem brincando e brincam com o que aprendem.

PROJETO INSTITUCIONAL “LIVRO AMIGO, VEM LER E SE ENCANTAR COMIGO”

O projeto Institucional da EMEI Cavalinho de Pau “Livro Amigo, Vem Ler e Se Encantar Comigo” resultou em uma apresentação com o tema “Sítio do Pica Pau Amarelo” em que o objetivo era o reintroduzir o contato das crianças com os livros de leituras, com o mundo mágico das histórias, mostrando a elas as mais diversas práticas da leitura e escrita na Educação Infantil. Por isso, aprendemos, na medida em que somos inseridos numa cultura escrita e biologicamente preparados para o aprendizado.



EMEI Cavalinho de Pau

Durante todo esse ano os alunos da escola passaram a levar para casa uma pasta com um livro de história infantil toda semana. Foi um projeto abraçado por toda equipe que finalizou com uma apresentação na festa de encerramento da turma pesquisada. Criou-se uma personagem “Vovó Maria” como símbolo da avó que conta histórias para os netos. Grande foi o incentivo à leitura que, percebemos a necessidade de usar as histórias como ponte para a alfabetização e o letramento. Já que nossa cultura está completamente inserida em códigos, letras, numerais, cores que trazem representações facilitadoras do dia a dia das pessoas. A cada história contada à fantasia tomava conta e o despertar para o aprendizado se concretizava.



Auditório com o tema “Emília”



Auditório com o tema “Visconde de Sabugosa”

O objetivo foi o de incentivar as leituras e o acesso à escrita. Pelo menos cinco histórias foram lidas em salas por semana, criando uma rotina saudável com a apresentação de um mundo mágico da imaginação. Através da leitura diária dos livros infantis, os alunos percebem a importância da leitura e as mais variadas formas de se

escrever. Podem assim fazer a leitura das imagens, saber o nome dos autores e ilustradores, além de colocar a imaginação para funcionar. Segundo Brandão e Rosa,

“Contar e ler histórias para crianças são práticas comuns em muitas residências e escolas. Várias pesquisas, como as realizadas por Wells (1985) e Rego (1988), evidenciaram que as crianças cujos pais leem para elas apresentam mais facilidade no processo de alfabetização”. (p. 60)



Apresentação do projeto “Livro amigo, vem ler e se encantar comigo”

Um dos caminhos a se percorrer em relação à alfabetização é exatamente o uso da leitura de histórias em momentos de rodinha. Também o reconto, além de contribuir com a oralidade, oportuniza as crianças a interpretarem as cenas que aparecem nas histórias. Através desse projeto os alunos passaram a participar mais das atividades que envolvem a leitura de livros infantis e quando estão ouvindo uma história percebo o quanto foi e ainda está sendo excelente essa prática. A participação das famílias foi imprescindível.



Prateleira com livros infantis

No ano de 2019 a EMEI Cavalinho de Pau adquiriu uma coleção de livros infantis, ambos modernos, com histórias e desenhos que estão no dia a dia das crianças, como os clássicos e histórias relacionadas aos desenhos infantis. Essa coleção encantou os alunos com suas imagens tornando as aulas de biblioteca e momentos de leituras prazerosos e lúdicos. Além dos livros adquiridos pra ficar na escola, todas as crianças ganhou um livro, cedido pela prefeitura de Belo Horizonte como incentivo à leitura.

ALFABETIZAR OU NÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

“O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita” Soares e Batista p.24

Durante muito tempo e até nos dias de hoje, a pergunta que se faz às professoras, coordenações pedagógicas e direções de escolas públicas de Educação Infantil são a seguinte: as crianças serão alfabetizadas ou não. As famílias demonstram ansiedade em relação à alfabetização de seus filhos durante a permanência na instituição de Educação Infantil. As dúvidas surgem a cada ano que se passa e, na verdade, ainda não temos uma resposta concreta para as famílias. Ao nos indagar, dizemos às famílias que traçamos um caminho a ser trilhado desde a tenra idade e que, como consequência, uma boa parte das crianças poderá estar alfabetizada ao concluírem a primeira etapa da Educação Infantil. Tudo vai depender do fazer pedagógico de cada professor, sua capacitação, estímulos, materialidade, apoio da instituição e principalmente a parceria família-escola, para um bom desenvolvimento do educando. Para isso, a Prefeitura de Belo Horizonte criou os cadernos das Proposições Curriculares para ajustar nossos fazeres pedagógicos, tentando estabelecer princípios norteadores para esse nível de ensino.

“ O esforço de elaborar as Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte expressa, desse modo, uma resposta àqueles que desejam orientações, de forma mais clara, para a elaboração da proposta pedagógica para as crianças de zero a cinco anos, sem com isso deixar de reconhecer que a oportunidade de acesso, permanência e a adversidade de ritmos de aprendizagem são elementos fundamentais a serem considerados”. (p. 19)

Nessa perspectiva e respeitando as capacidades e habilidades a serem desenvolvidas na fase escolar, entendemos que cada criança tem um tempo próprio para atingir um grau de maturidade e despertar para a leitura e escrita. De acordo com o caderno do Ceale Alfabetização e Letramento,

“O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa apresenta a seguinte definição estrita de alfabetização. Ela é o “ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Assim, uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as “primeiras letras”, que domina as habilidades básicas ou iniciais do ler e escrever.” (p. 47)

Com o passar do tempo, o conceito de alfabetização foi mudando e já não era considerado uma pessoa como sendo alfabetizada, se soubesse ler e escrever, mas se soubesse usar essa leitura e escrita de maneira social. Ao alfabetizar, representamos a linguagem como um objeto representado pela fala, através da escrita. Para se cumprir o propósito da alfabetização, espera-se um bom desenvolvimento das habilidades necessárias para uso e manipulação dos instrumentos da escrita; habilidades cognitivas e motoras. Conforme Frade 2005. P. 9 e 10 aponta:

“..não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita estabelecendo relações entre sons e letras, o que caracteriza especificamente a alfabetização. É preciso também que os alunos façam uso da escrita em situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem, modificando seus níveis de letramento.”

Refletindo sobre as práticas de alfabetização, entendemos que cada professor assume um fazer pedagógico de acordo com teorias e métodos estudados ao longo do tempo. Porém, transformar as teorias estudadas em um diferencial ao se ensinar crianças pequenas, nos obriga a pesquisar maneiras de conciliar os métodos com a realidade em sala de aula, para um melhor desempenho dos alunos. Por isso, ao alfabetizar, muitos professores buscam decisões individuais, de acordo com seus princípios e experiências anteriores, que por ventura deram certo. Assim, de acordo com Frade: 2005. P 16

“... decisões metodológicas, sobre procedimentos de ensino são tomadas em função dos conteúdos de alfabetização que se quer ensinar e do conhecimento que o professor tem sobre os processos cognitivos dos alunos, quando estes tentam compreender o sistema alfabético e

ortográfico da linguagem escrita e seu funcionamento social.”

Ao pesquisar sobre os percursos da alfabetização na Educação Infantil, percebi a importância do domínio dos métodos e procedimentos relacionados ao que se quer ensinar. Os espaços, a organização do tempo, a materialidade empregada, o ambiente alfabetizador e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo são fatores de extrema relevância para se alcançar os objetivos que se propõe ao ensinar as crianças. Pensando nessa perspectiva e de acordo com o caderno do Ceale “Alfabetização e Letramento”,

“...metodologia e teoria são duas faces de uma mesma moeda e são, por isso, inseparáveis. Não é possível atuar, com autonomia, em sala de aula, sem o conhecimento do objeto que se deseja ensinar e de cuja natureza e características decorrem, em larga medida, a utilização – e, por que não, a criação – de princípios, diretrizes e procedimentos metodológicos. Assim, conhecimentos de natureza teórica são um elemento importante para a construção de uma atuação autônoma de qualquer professor e, por isso, devem integrar sua formação.” (p.11)

Foram através de leituras dos cadernos, apostilas, busca em livros sobre a Educação Infantil e a alfabetização, que fui me inteirando da importância de se conhecer as variadas vertentes que a alfabetização e o letramento nos leva. À medida que o tempo passa o público infantil que estamos recebendo nas escolas vem ficando diferente. Não dá pra ser uma professora cheia de teorias e não saber nada que se passa nos dias de hoje. O público infantil que recebemos no dia a dia, se moderniza nas teorias digitais e mal sabem brincar com uma bola. Infelizmente temos que nos apropriar de metodologias que vem de encontro com a realidade de hoje. Como podemos dar um suporte para tantas crianças com as famílias enjauladas pelo poder público, sem ao menos ter o que comer em casa? Deparamo-nos com uma realidade dura e por causa dessa realidade nem tudo se concretiza como queremos. O esforço dos professores para dar aos alunos um ensino de qualidade é muito grande e nem sempre é reconhecido.

CURRÍCULOS DA INFÂNCIA

Em toda minha trajetória profissional como professora, percebia anseios entre as colegas de profissão quanto ao currículo da Educação Infantil. Por diversas vezes, nos amparávamos nos livros didáticos para ensinar as crianças, sem mesmo ter algo certo como referência. Nas escolas por onde passei, muitas vezes criávamos o currículo baseado nas atividades de livros para Educação Infantil e nos conhecimentos ao longo dos anos trabalhando com crianças. Utilizávamos cópias de atividades de livros e criávamos assim um modelo de currículo, respeitando sempre o período escolar que as crianças se encontravam.

Após ingressar nas escolas da Rede Municipal De Belo Horizonte e conhecendo os cadernos oficiais, pude perceber que são muitos caminhos a seguir, dependendo da faixa etária, estrutura pedagógica da escola, gestão, coordenação e formação do professor. O fazer pedagógico, mesmo sendo orientado pelas proposições curriculares, depende do esforço e capacitação de cada professor. Percebemos que, em um mesmo espaço escolar, cada um tem um jeito próprio de ensinar e muitas vezes cada um segue o caminho que achar melhor. Mesmo sendo orientadas por propostas curriculares, a criatividade, boa vontade e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, não podem se perder. Segundo Zabala,

“De nenhum modo os materiais curriculares podem substituir a atividade construtiva do professor, nem a dos alunos, na aquisição das aprendizagens. Mas é um recurso importantíssimo que, se bem utilizado, não apenas potencializa este processo como oferece ideias, propostas e sugestões que enriquecem o trabalho profissional.”
(p.193)

As discussões em torno do que se deve ensinar perduram por muito tempo e estamos sempre em busca de respostas acerca dos caminhos a se percorrer. O mais importante, além de conhecimentos adquiridos, é a criatividade que se deve ter nas práticas escolares.

Durante o período trabalhado nas instituições particulares, percebia que o currículo existia como um processo “amarrado” que deveria ser cumprido com rigor. Porém, mesmo tendo necessidade de cumprir o currículo elaborado pelas instituições, os professores “completavam” seus fazeres pedagógicos com outras atividades

enriquecedoras que se tornavam importantes para todo o processo ensino aprendizagem. Isso também acontece nas instituições de Educação Infantil, na qual pertence e que é também é objeto desta pesquisa.

Os cadernos oficiais apresentam as habilidades específicas para cada idade, porém, reconheço que ainda tenho limitações na hora de colocar em prática o fazer pedagógico. As inquietações se baseiam em por onde começar? As habilidades reconhecidas pela Prefeitura de BH e lançadas nos cadernos oficiais são divididas por linguagens e faixa etária, de acordo com os ciclos. São as Linguagens oral e escrita, matemática, plástica visual, corporal, musical, natureza e sociedade e a linguagem digital. Elas podem ser utilizadas em qualquer tempo e repetidas de acordo com as necessidades do grupo. Nota-se que a ordem é sempre colocada pelo professor regente, que vai aos poucos percebendo os anseios da turma, buscando o melhor caminho a seguir. De acordo com o caderno Fundamentos das Proposições Curriculares

“Na realização do fazer pedagógico cotidiano, é fundamental oferecer às crianças múltiplas situações, adequadamente planejadas, que possibilitem modalidades variadas de aprendizagem a partir das diferenças individuais e de grupo, bem como da diversidade de processos de aprendizagem. Intervenções pedagógicas que busquem efetivar o desenvolvimento integral das crianças.” (p.101)



Turma de 5/6 anos EMEI Cavalinho de Pau



Atividade de desenho com interferência

Compreendo assim que existe uma real necessidade de se ter um norte a seguir, um currículo que possa nos direcionar quanto ao aprendizado das crianças. Importante não se esquecer de que, na Educação Infantil o cuidar e educar são indissociáveis, necessitando que os professores sejam criativos e que possam atuar na vida das crianças como um apoio na construção do ensino. Por isso que, de acordo com o caderno do Ceale, “Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer dos professores”

“Pensar num método rígido sem pensar na criança e no seu modo de aprender, e sem pensar a complexidade da cultura escrita na sociedade, representa um desconhecimento do que as pesquisas atuais trouxeram para a área e a redução do problema da alfabetização a apenas uma de suas dimensões.”(p. 8)

Todo o processo de ensino aprendizagem coloca o currículo como base para que o conhecimento seja adquirido pelas crianças de forma lúdica e prazerosa, pois a criança deve sempre ser o foco do processo educativo. O currículo deve conter as intenções pedagógicas ao longo do ano, podendo ser modificado ao se pensar no contexto e na realidade das crianças. Assim, o currículo se torna um conjunto de escolhas a respeito dos conhecimentos, habilidades e práticas vividas, colocando a “criança real” que se recebe no início do ano, a partir da presença física de cada uma, considerando sua individualidade e diversidade. Esse currículo deve estar fundamentado nos principais aspectos do desenvolvimento infantil, nas intencionalidades pedagógicas do município e explicitadas no Projeto Político Pedagógico da instituição escolar. Segundo o caderno “Fundamentos” das

Proposições Curriculares.

“O termo “habilidades” é aqui empregado referindo-se ao conjunto das funções mentais que todo ser humano possui e desenvolve a partir do seu nascimento. Pode ser utilizado como sinônimo do termo ‘capacidades’ pois ambos são a expressão das funções mentais (ou funções cognitivas). Estas funções são desenvolvidas pela reorganização contínua do cérebro a partir da interação da criança com o mundo por meio dos estímulos que lhe são oferecidos. Quando frequenta uma instituição educativa, os estímulos que a criança recebe lhe são oferecidos na forma de estratégias pedagógicas.” (p. 64)

Portanto, entende-se que a utilização do currículo se faz necessário em todos os ciclos da Educação Infantil e, cabe ao professor, analisar os melhores métodos a seguir para que haja um melhor desempenho dos aprendizes. Ainda de acordo com o caderno “fundamentos” das proposições,

“Um currículo é, portanto, um conjunto de escolhas que são feitas em consonância com as concepções e princípios que norteiam cada instituição, seu grupo de profissionais, crianças e famílias que a constituem. Escolhem-se as práticas, a organização e modo de funcionamento da instituição, os conhecimentos mais significativos, as habilidades a serem desenvolvidas considerando-se o objetivo geral de cada instituição, seu contexto social, as características e expectativas de cada grupo que compõe a sua comunidade escolar.” (p. 44)

Algumas atividades são elaboradas através de experiências em outras turmas ou até mesmo em outras escolas e que utilizamos em meio aos planejamentos feitos no decorrer do ano de 2019.

IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para justificar a pesquisa sobre os percursos de alfabetização de crianças da Educação Infantil, utilizei atividades diagnósticas para identificar o que as crianças já sabiam e quais as maiores dificuldades da turma. Por isso, considerei estas atividades de extrema importância. Segundo Frade e Silva,

“...diagnosticar é coletar dados relevantes, através de instrumentos que possibilitem identificar os conhecimentos adquiridos pelo aluno, tendo em vista objetivos e capacidades que se pretende avaliar, em relação a determinado objeto de conhecimento (por exemplo, a apropriação de princípios alfabéticos ou de certa convenções do sistema de escrita).” p.20



Atividades diagnósticas – Turma IRCCFTB

As atividades diagnósticas aplicadas se tornaram suportes para que eu descobrisse que quase toda a turma não sabia o alfabeto completo, os numerais de zero a nove e o desenho da figura humana. Ao longo do ano percebi que muitos avançaram em relação ao início. Os diagnósticos foram feitos um a um e alguns em grupo. A maior dificuldade encontrada foi na escrita das palavras ditadas. A curiosidade e ansiedade de escrever de forma correta fizeram com que as crianças se arriscassem colocando muitas letras na escrita das palavras. A escrita dos numerais e quantificação também foram difíceis para alguns.

Outra atividade importante foi a o bloco de atividades de portfólio. Nele foram feitas desenhos livres, escrita de tudo que se refere a cada criança. Além dos desenhos livres, enviei para as famílias questionários a respeito da gravidez, nascimento, escolha do nome, além de outras que se referem à criança desde o nascimento.



Atividades de Portfólio

Segundo os cadernos das proposições, a avaliação na Educação Infantil pode se valer do portfólio;

“ A escolha do portfólio como instrumento de registro na Educação Infantil parte do seu caráter dinâmico e da capacidade de sintetizar o percurso de cada criança no processo de aprendizagem. O registro da trajetória individualizada usando trabalhos produzidos, fotos, registros de suas falas e outros materiais que forem selecionados é a materialização de suas vivências e de seu desenvolvimento.” (p. 68)



Atividades Portfólio e Evolução do desenho

O aprendizado dos alunos depende muitas vezes da maneira como ensinamos e as estratégias utilizadas durante as aulas. Ao seguir um currículo devemos lembrar-nos das diferenças e traçar um percurso com intenções pedagógicas de acordo com as necessidades das crianças, sem deixar para trás o conhecimento que deverá ser adquirido. Para isto os planejamentos devem atender também os interesses das crianças, considerando o tempo disponível. Segundo Brandão e Rosa (orgs.)

“... enfatizamos que o tempo para planejamento e estudo, bem como a capacidade de auto avaliação da professora, além da já referida sensibilidade para os conhecimentos e interesses das crianças são também elementos fundamentais para um trabalho pedagógico de boa qualidade em qualquer área e que, sem dúvida, têm um impacto na elaboração de tarefas e no seu encaminhamento junto aos pequenos.” (p.159)

Em se falando de tempo, o tempo não para. E o que menos temos na escola é o tempo. Nos falta tempo para ter um planejamento de excelência, nos falta tempo trocar ideias com nossos pares, tempo para dedicar mais ao conhecimento. Planejam os porque necessitamos, porém sabemos que quase nunca esse tempo é o suficiente para concluirmos nossos objetivos e oferecer uma educação de qualidade aos nossos alunos. São tantos projetos importantes na fase da alfabetização que nem nos damos conta de que precisamos de tão pouco para um aprendizado de qualidade.



Atividade portfólio – Pintura das mãos – Aluna Luiza

DESCRIÇÃO DA TURMA E DO PLANO DE AÇÃO

Minha turma heterogênea, composta de vinte seis alunos na sua totalidade, na faixa etária de cinco e seis anos de idade. São oito meninos e dezoito meninas. Uma aluna é diagnosticada com autismo e é acompanhada por uma auxiliar de apoio ao educando. Algumas dessas crianças demonstram dificuldades em cumprir combinados do grupo e necessitam de mais intervenções. Ambas são falantes, curiosas, interessadas e espertas. No geral, a participação da família é boa, acompanhando a vida escolar das crianças, em atividades extraclasse e ara casa, presenciando reuniões e eventos institucionais.

Na rotina das atividades desenvolvidas, podemos indicar a Rodinha como um procedimento de socialização muito típico da Educação Infantil.



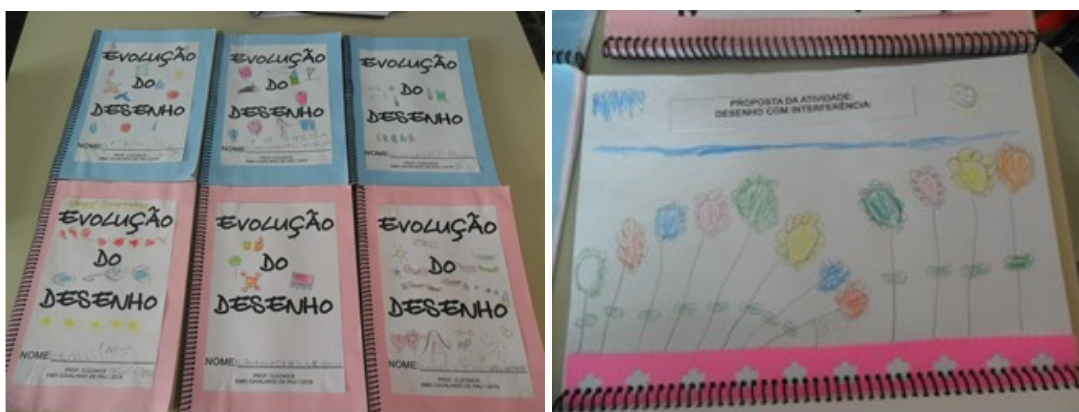
Momento da Rodinha – Turma IRCCFTB

Segundo Brandão Rosa (orgs.)

“... a roda de histórias possibilita que a constituição de uma identidade grupal faça parte das práticas educativas. Isto porque professora e crianças participam juntas de uma atividade em que vão descobrindo palavras que soam engraçadas, enredos que

despertam a curiosidade pelo encadeamento, tramas que geram tensão seguida de alívio. Desse modo, além de partilharem palavras, os integrantes da roda partilham sentimentos, pensamentos, formas de interpretar a si mesmos e a realidade vivida.” (pag. 37).

No início do ano letivo, após o término do período de adaptação, fui conhecendo o perfil de cada um. Percebi as necessidades do grupo e passei a fazer combinados e regra de convívio, utilizando a roda para determinarmos como seria a escolha dos ajudantes, a rotina diária, estabelecermos os dias de para casa, biblioteca, brinquedoteca e tempos de aula da professora de apoio. Numa conversa informal, coloquei os alunos a par de como seria nosso ano letivo e quais os projetos que iríamos desenvolver. Foram projetos simples, mas importantes para o bom desenvolvimento da turma. Um dos projetos foi a “Evolução do Desenho”, em que as crianças desenvolveriam o hábito de desenhar, expressando seus desejos, desenvolvendo a coordenação motora fina, observando objetos, desenhando livremente e com interferências. Essas atividades se fazem necessárias para que os alunos aprendam a apreciar seus trabalhos e de seus colegas. Eles ajudam na autoestima e desenvolve o senso crítico.



Atividades “Evolução do Desenho”

“Toda criança desenha. Pode ser com lápis e papel ou com caco de tijolo na parede. Agir com um riscador sobre um suporte é algo que ela aprende por imitação - ao ver os adultos escrevendo ou os irmãos desenhando, por exemplo. "Com a exploração de movimentos em papéis variados, ela adquire coordenação para desenhando", explica Mirian Celeste Martins, especialista no ensino de arte e professora da

Universidade Presbiteriana Mackenzie. A primeira relação da meninada com o desenho se dá, de fato, pelo movimento: o prazer de produzir um traço sobre o papel faz agir.”

<https://novaescola.org.br/conteudo/121/o-desenho-e-o-desenvolvimento-das-criancas>

Outra atividade proposta é do portfólio. São trabalhadas atividades relacionadas a cada aluno (a); nome completo, escola, preferências, amigos etc. Nessas atividades, os alunos têm a liberdade de expressar suas preferências, escrever, desenhar e colar fotos de eventos importantes. Algumas características fundamentais foram colocadas no portfólio, antes enviadas às famílias para serem preenchidas, como informações sobre o nascimento, características físicas, certidão de nascimento, escolha do nome dentre outras.



Atividades de Portfólio – Turma IRCCFTB



Carnaval na escola

Além disto, temos as produções livres onde os desenhos foram feitos a partir de algum evento da escola, leitura de livros, temas livres e datas comemorativas.

A sala de aula da turma tem um bom tamanho. São seis carteiras individuais e cinco mesas com quatro cadeiras cada. O ambiente alfabetizador é composto por um quadro branco, um varal de numerais de zero a nove, alfabeto móvel colocado acima do quadro branco, na devida ordem. Ambos com desenhos representativos para cada letra e número. A sala é utilizada pelo turno da manhã também com crianças de cinco anos. Para compor esse ambiente, ainda temos dois murais com os nomes dos alunos. Assim, a escolha do ajudante do dia segue a ordem alfabética.



Ajudante do dia e prateleira de literatura

Utilizamos também um varal em comum para expor as atividades diárias mais relevantes e um armário onde os cadernos de atividades diárias e de para casa são guardados diariamente. De acordo com Soares e Batista,

“Metodologicamente, a criação desse ambiente se concretizaria na busca de levar as crianças em fase de alfabetização a usar a linguagem escrita, mesmo antes de dominar as “primeiras letras”, organizando a sala de aula com base na escrita (registro de

rotinas usa de etiquetas para organização do material, emprego de quadros para controlar a frequência, por exemplo). Conceitualmente, a defesa da criação de um ambiente alfabetizador estaria baseada na constatação de que saber para que a escrita serve (suas funções de registro, de comunicação à distância, por exemplo) e saber como é usada em práticas sociais (organizar a sala de aula, fixar regras de comportamento na escola, transmitir informações, divertir, convencer, por exemplo) auxiliariam a criança em sua alfabetização.” (p.53)

Além da sala de aula, todo o ambiente da escola se torna alfabetizador, visto que as informações colocadas nos murais de outras turmas, cartazes e atividades individuais, quadro de avisos, sinalização através de desenhos e escritas como banheiro feminino e masculino, dentre outros, são importantes para os alunos. Na cantina, o cardápio é colocado com figuras concretas e palavras escritas, nomeando a merenda de toda a semana, Assim, ao entrar na escola, qualquer pessoa percebe a importância dessas escritas e os próprios alunos mostram para a família onde estão as informações mais importantes do dia e da semana. De acordo com Vieira e Costa Val, nos cadernos do Ceale, a rotina se torna importante na medida em que a sala seja realmente um ambiente alfabetizador, oportunizando aos alunos a construção da autonomia em suas atitudes e reconhecimento desse espaço, fazendo uso social da escrita através deste ambiente.

“ Na organização das atividades de escrita, é importante seguir uma rotina de trabalho que transforme a sala de aula em ambientes de aprendizagem organizados, consistentes e previsíveis, possibilitando aos alunos o compartilhamento de ideias, o acesso a diferentes tipos de textos, a pesquisa de conteúdos relacionados aos textos que irão produzir. É importante, principalmente, que a rotina de trabalho crie as condições necessárias ao desenvolvimento da autonomia dos alunos no seu processo de construção do conhecimento sobre a escrita.” (p.42)

Na rotina diária, apresentada aos alunos, começo a tarde cumprimentando- os e já com a pergunta, em que dia da semana estamos? Para não perder tempo contamos quantos são os alunos faltosos, relacionando-os com o número de cadeiras vazias, faço a

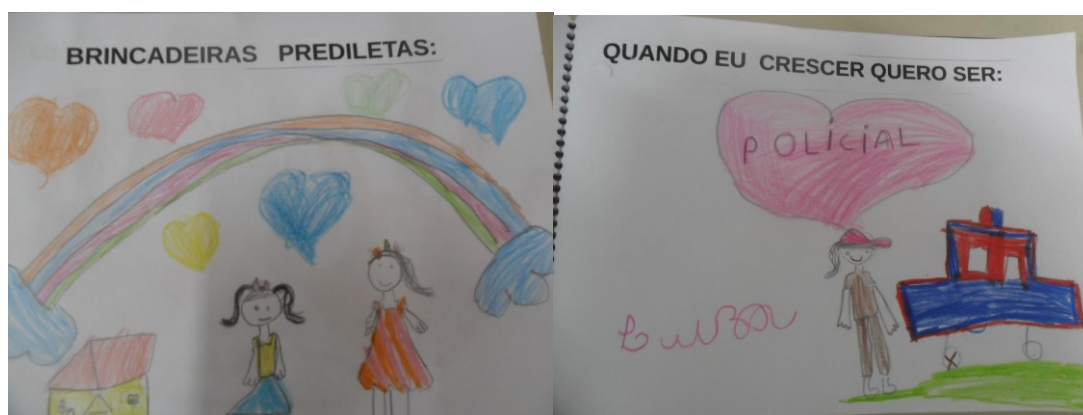
escolha do ajudante e apresento a agenda do dia. Assim, os alunos se inteiram dos acontecimentos previstos para a tarde de estudos.



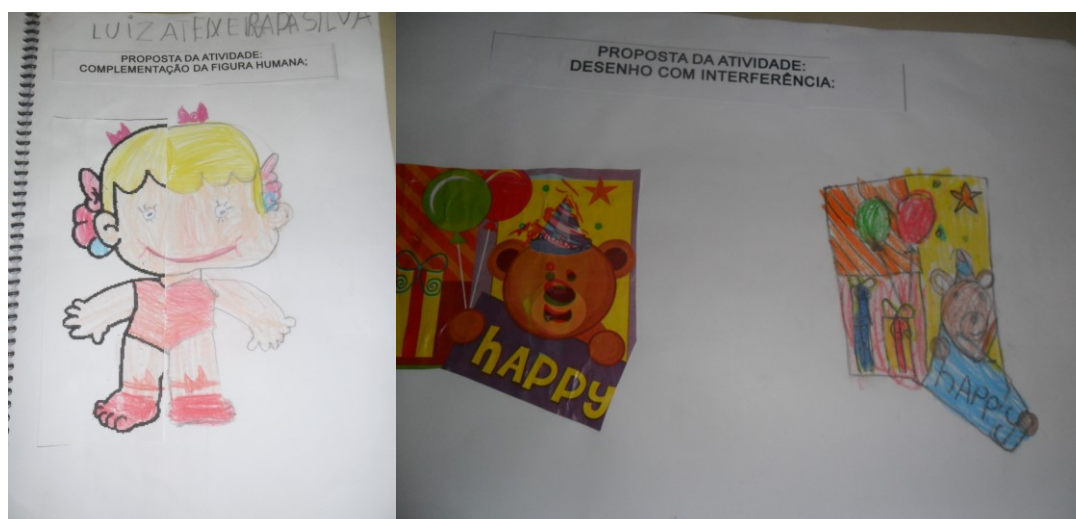
A sala de aula como um ambiente alfabetizador



Atividade Evolução do Desenho



Atividade de portfólio



Desenho com interferência

DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

Coloquei meu plano de ação em prática no mês de março. Após conversa informal com os alunos, explicando como seriam feitas as atividades, tranquilizei-os quanto ao modo de fazer e falei sobre o curso Alfabetização e Letramento que estou cursando, na UFMG, justificando minhas ausências nos sábados.

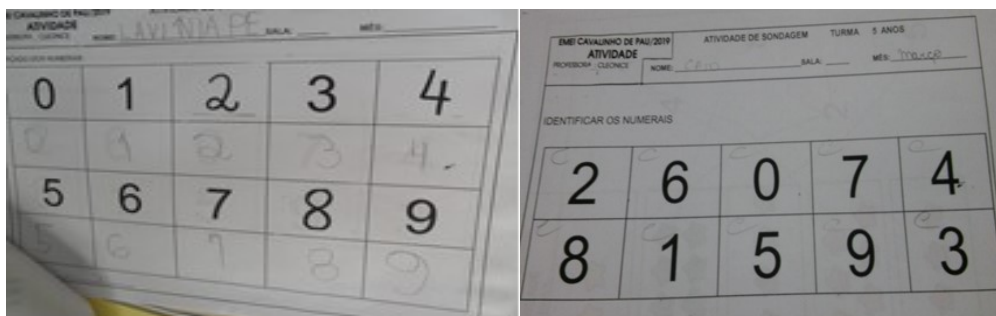
Ao iniciar os diagnósticos, deixei que os alunos brincassem em outro espaço que poderia chamar de “antessala”, de brinquedos de montar. Assim, aos poucos, fui chamando um a um para aplicar os diagnósticos. A atividade era pra reconhecer as letras do alfabeto, que se encontravam fora de ordem. Fui apontando as letras e o aluno ia falando qual era a letra que estava mostrando. À medida que iam respondendo, eu colocava certo quando acertavam e se não acertassem colocava a letra ou outra coisa que falavam. Sucessivamente fui chamando aos poucos até que todos completassem as atividades.



Diagnóstico do alfabeto.

Os diagnósticos foram aplicados durante uma semana e repetidos às crianças faltosas. Em outro momento, para ganhar tempo, entreguei outras folhas de atividades que continham imagens de desenhos. Inicialmente, pedi que os alunos colorissem as figuras das atividades. Depois, fui chamando de um em um para identificar os numerais de zero a nove. À medida que falavam, colocava certo ou o que falavam como resposta. Nem sempre conseguia realizar as atividades com os alunos no mesmo dia. As turmas de Educação Infantil possuem horários pré-estabelecidos para todo o dia escolar. Portanto, o tempo fica curto para executar tarefas individuais. O tempo é dividido em

dois horários para merenda, um tempo para projeto, parquinho, biblioteca, brinquedoteca e atividades livres.



Diagnóstico dos numerais de zero a nove

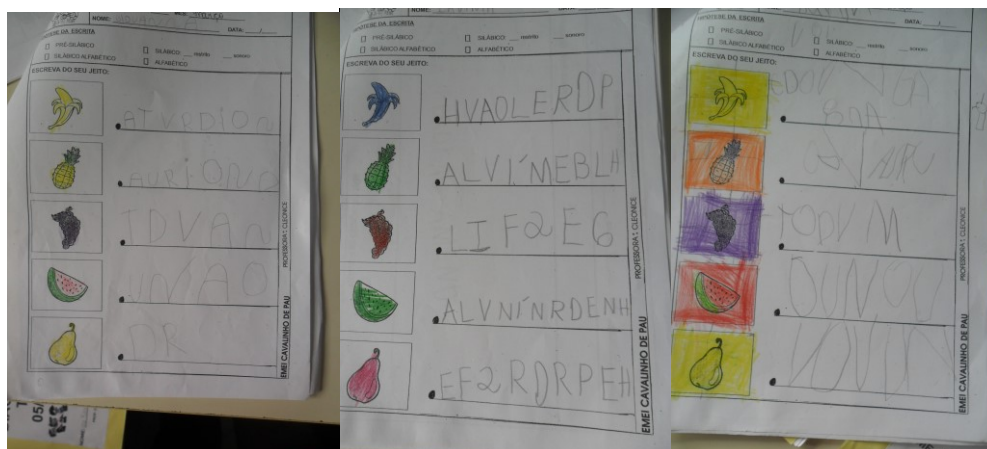


Atividade de ligar número à quantidade

O objetivo dos diagnósticos era saber em que nível de conhecimento sobre as letras do alfabeto e sobre os números as crianças se encontravam e o que realmente eu necessitava ensinar.

Outra atividade apontada nas atividades diagnósticas foi a escrita de palavras ditadas, para que se escrevessem de acordo com as sílabas pronunciadas vagarosamente, enfatizando as vogais para que as crianças percebessem o som das letras e, dessa forma, conseguissem fazer uma escrita a seu modo. Ao lado de cada figura tinha um espaço

para que a criança escrevesse a palavra ditada.



Atividade diagnóstica escrita de palavras ditadas.

A escrita espontânea, o desenho da figura humana e a relação dos numerais com a quantidade também fizeram parte das atividades diagnósticas. Achei necessário e importante identificar alunos que ainda não venceram as barreiras da escrita do nome e o reconhecimento do próprio corpo. Continuei a aplicação das atividades, sem pressa, respeitando o tempo de cada aluno (a) e meu tempo disponível.

Com o tempo, passei a conhecer os alunos e observava diariamente suas atividades em sala e de para casa. Percebi que parte dos alunos não sabia identificar as iniciais do próprio nome. As dúvidas foram surgindo aos poucos e, em um determinado momento, resolvi dar uma atenção especial a estes alunos com dificuldades. Pensando no percurso já iniciado por eles e nas habilidades a serem adquiridas, de acordo com os documentos oficiais, iniciei minha pesquisa tendo como objetivo a melhoria da minha prática de ensino, visto que, ao ingressar numa turma de alunos novatos, senti necessidade de reavaliar meus conceitos e considerar as diferenças encontradas em todo o grupo. Para um bom desenvolvimento do trabalho, elaborei um questionário para minhas colegas das duas instituições; EMEI Cavalinho de Pau e EMEI Francisco Azevedo, na intenção de compreender como são aplicados os diagnósticos e sua importância no dia a dia de cada turma, considerando o percurso da alfabetização de cada criança. No entanto, como esperado, recebi poucos questionários de volta. Embora fossem tão poucos (eram uns quatro devolvidos numa média de vinte entregues), li, mas acabei desistindo de usá-los na pesquisa.

As atividades aplicadas aos alunos revelaram a importância da parceria família-escola durante o ano escolar. Pude perceber que a criança acompanhada nas atividades de para casa, reuniões escolares, possui melhores rendimentos. Descobri que algumas crianças chegaram à turma de cinco anos sem escrever seu primeiro nome e tinham dificuldades nos desenhos da figura humana. Em relação aos numerais e quantidade estava em desenvolvimento. Os alunos necessitavam de disciplina e mais incentivos para prosseguirem e serem melhores ainda.



Concentração na hora das atividades? Não! Só na hora da foto.

Com o passar do tempo essa turma se tornou madura e aprendeu a construir laços de amizade, cumplicidade e carinho uns com os outros. Os caminhos são traçados conforme a necessidade. Nem todos alcançaram os objetivos propostos no caminho das letras, mas com certeza aprenderam que na vida podemos escolher nossos caminhos.

ANÁLISES DE DADOS

As atividades diagnósticas aplicadas no início do mês de março de 2019 e reaplicadas no final do mês de novembro, não nos garante um resultado definitivo dos conhecimentos das crianças. Muitos ainda são os passos a seguir para que realmente essa forma de avaliar seja aprimorada. Segundo Zabala 1998, p. 36

“Sem dúvida, é difícil conhecer os diferentes graus de conhecimento de cada menino e menina, identificar o desafio de que necessitam saber, que ajuda requerem e estabelecer a avaliação apropriada para cada um deles a fim de que se sintam estimulados a se esforçar em seu trabalho. Mas o fato de que custe não deve nos impedir de buscar meios ou formas de intervenção que, cada vez mais, nos permitam dar uma resposta adequada às necessidades pessoais de todos e cada um de nossos alunos.”

Para iniciar os primeiros diagnósticos, separei uma mesa na sala para que cada criança me falasse qual letra do alfabeto eu estava mostrando. No início eram vinte e cinco crianças com a idade entre cinco e seis anos. Comecei pelos meninos que são oito desse total, e depois sucessivamente com as meninas. Na realização dessa tarefa de reconhecimento, quatro acertaram todo o alfabeto e a maioria acertou também os numerais de zero a nove. Os outros quatro meninos erraram quase todas as letras e confundiam letras com números. Quanto aos numerais de zero a nove também um acertou quase todos e os outros três acertaram poucas letras. Assim, de acordo com Frade e Silva, 2005, “A observação dos alunos durante as atividades de escrita e leitura é muito importante, pois possibilita que o professor avalie as capacidades desenvolvidas em sua trajetória no decorrer do ano letivo ou ciclo.” (p. 25)

Muitas vezes, durante a rodinha ou em momentos de descontração, notamos o interesse das crianças em escrever e o quanto dão importância a descobertas das letras e seu uso social. Elas conseguem perceber o quanto se faz necessário à escrita no dia a dia, que todas as coisas têm um nome e que para escrevermos precisamos das letras. Curiosas, elas pedem ajuda quando querem escrever algo importante. Ao aplicar o diagnóstico nas dezoito meninas da sala percebi que a maioria delas reconhecia as letras do alfabeto, porém algumas confundiam letras e números, o que é normal para a faixa etária e o nível de escolarização.

Outra atividade aplicada foi escrita espontânea do nome completo. Nessa atividade apenas uma criança fez de forma correta a escrita do nome e sobrenome. As outras escreveram apenas o primeiro nome. As letras se misturaram na hora da escrita. Mesmo crianças que estão na instituição desde os dois anos de idade, participando de todo processo educativo, ainda demonstram dificuldades que envolvem algumas atividades orais e algumas relativas à coordenação motora fina. De acordo com as autoras Brandão e Rosa 2011, “Defendemos, até então, que, se o conhecimento das letras do alfabeto, por um lado, não é suficiente para que as crianças se apropriem da escrita alfabética e consigam ler e escrever com autonomia, por outro lado é um conhecimento necessário.” (p. 97)

As mesmas atividades do alfabeto e dos numerais foram reaplicadas no mês de novembro. Das vinte e seis crianças, dezoito crianças acertaram as letras e o restante acertou parte uma delas. Uma dessas crianças que foi bem-sucedida na tarefa é diagnosticada como autista, e conseguiu acertar todas as letras e quase todos os numerais, o que me surpreendeu bastante.






Pude perceber que o trabalho desenvolvido ao longo do ano pode ser considerado adequado, embora pudesse ser ainda melhor. Foi uma surpresa saber neste último diagnóstico que um aluno está lendo e outros estão quase. Na correria diária, nem percebemos o quanto as crianças têm avançado.

As atividades de escrita espontânea foram feitas com o procedimento de ditado. As palavras sugeridas foram ‘banana, abacaxi, uva, melancia, pera’. Nessa situação, também foram apresentadas gravuras das frutas. Ao ditar as palavras, coloquei como foco o som das sílabas para que as crianças pudessem perceber como seria a escrita. Esse tipo de atividade foi desenvolvido durante o ano, priorizando os sons, a quantidade de sílabas e os desenhos correspondentes. Constatei que no início da escrita às letras seguiam aleatórias. Aos poucos, as crianças foram percebendo que havia ligação dos sons que falavam com as letras que conheciam. Em seu capítulo sobre “Fundamentando propostas de trabalho com a linguagem escrita no cotidiano da Educação Infantil”, Brandão e Rosa 2011, p. 21, defendem que:

“... na Educação Infantil, é importante garantir que as crianças vivenciem situações diversificadas de contato com a escrita. Tal defesa, no entanto, articula-se à proposição de que nesta faixa etária a brincadeira

constitui-se atividade central do cotidiano infantil” .

As autoras também ressaltam que o conhecimento das letras se não é uma fator determinante no processo de apropriação da escrita, com certeza pode contribuir na medida em que os alunos, ao interagirem em diferentes situações de escrita e uso das letras, comecem a perceber as propriedades do nosso sistema de escrita alfabético, atentando-se para as propriedades das letras no que se refere ao seu valor representacional, ou seja, a sua relação com uma natureza sonora.

ATIVIDADE DE SONDAGEM 5 ANOS	
SALA: _____	MÊS: _____
NOME: MARIANE DATA: _____	
NÍVEL DA ESCRITA	
<input type="checkbox"/> PRÉ-SILÁBICO	<input type="checkbox"/> SILÁBICO _____
<input type="checkbox"/> SILÁBICO ALFABÉTICO	<input type="checkbox"/> ALFABÉTICO
ESCREVA DO SEU JEITO:	
	BA
	AAA
	UA
	A
	AEI

Atividade diagnósticas “Ditado de palavras ”

Ao ditar as palavras uma a uma, repetindo com uma entonação que sobressaísse o som das mesmas, verifiquei que mesmo tão pequenas, as crianças olham a atividade do colega na esperança de acertar. Isso nos mostra que o interesse pela escrita e a leitura das palavras e a vontade de escrever de forma correta. Ainda sobre as tema das letras, as autoras destacam:

“As crianças nascem em um mundo em que existe uma extraordinária profusão de letras, presentes em vários materiais que fazem parte de diferentes contextos socioculturais; jornais, revistas, livros de literatura infantil, receitas, listas de compras, rótulos de embalagem, entre muitos outros. Se acompanharmos o desenvolvimento das

crianças, podemos observar que, ainda muito pequenas, elas já apresentam um interesse crescente para a aprendizagem das letras, principalmente aquelas relacionadas às letras do seu nome, dos seus familiares e dos seus coleguinhas. (p. 93)

Sabendo do interesse das crianças fiz uma ficha com o nome completo, nome da escola, alfabeto caixa alta e os numerais de zero a nove. Pedi que plastificasse as fichas e elas ficariam dentro das mochilas. Durante todo o ano trabalhei com a escrita do nome próprio e do alfabeto. Foram muitas atividades de casa envolvendo a leitura e a escrita. As histórias lidas e até contadas fizeram parte de nossa rotina. Os trabalhos feitos no caderno de portfólio nos apontaram as escolhas de cada um oportunizando um desenvolvimento livre durante as atividades. Liberdade essa que se tornou motivo de satisfação e agrado na hora do desenho e da escrita.

As atividades de evolução do desenho, também apontaram um caminho na direção da coordenação motora, na formulação do pensamento lógico e no desenvolvimento cognitivo. Trabalhou-se a percepção e observação acerca de detalhes encontrados nos desenhos de observação e interferência.

As atividades de produções livres também apontam caminhos de liberdade de escolha e a descoberta de que podemos transformar sonhos em desenhos e falar através deles de forma natural.

Além de todo o trabalho livre, tivemos trabalhos dirigidos em que se devia cumprir o que se pedia. Atividades em sala direcionadas ao letramento, à escrita espontânea, escrita dirigida, descobertas de letras escondidas e um verdadeiro mundo para se aprender. Por fim os diagnósticos foram novamente usados e a surpresa da evolução de muitos foi maravilhosa. Numa sala de aula temos o domínio de executar as mais diversas tarefas de incentivo à leitura e escrita. Entendo que alfabetizar ou não vai depender também dos profissionais. Estar dispostos a lutar por um magistério de qualidade não é fácil. Precisamos entender que o papel do professor vai além de ensinar a ler e escrever, temos um brilhante papel na sociedade de construir valores junto com nossos alunos. Podemos ajuda-los a traçar caminhos bons e caminhos maus também. Somos profissionais traçando percursos de sucesso ou fracasso. Por isso é hora de conscientizar do importante papel na vida dos nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se iniciou quando resolvi investigar sobre os percursos da alfabetização de crianças da Educação Infantil, na EMEI CAVALINHO DE PAU, no ano de 2019. Por ser uma turma de alunos novatos, senti a necessidade de saber mais sobre que caminhos poderia seguir levando em consideração a faixa etária e o fator “alfabetizar ou não”?

Para isso, utilizei como embasamento da pesquisa autores que discutiam sobre o fazer pedagógico, planejamentos do ensino da linguagem, currículos, alfabetização como Antoni Zabala, Ana Carolina Perrusi Brandão e Ester Calland de Souza Rosa (orgs.), Cadernos do Ceale, e as Proposições Curriculares da Prefeitura de Belo Horizonte.

Dessa forma, pude observar que dificuldades surgem ao longo deste percurso e que necessitamos de estudos específicos para que o ensino passe por melhorias no decorrer do tempo. Observei também que todo o trabalho deve seguir as orientações legais, juntamente com direção e vice direção das instituições passando por organização de currículo e também através de troca de experiências na busca por respostas às dificuldades encontradas pelo caminho. Através de estudos sobre currículo e as mais variadas formas de se criar um ambiente alfabetizador, com atividades que sejam objetivas e lúdicas, podemos dar significado aos tempos escolares da Educação Infantil tornando possível um melhor desempenho pedagógico.

Todo o trabalho realizado no ano de 2019 valeu a pena. Descobri minhas fragilidades e dificuldades na realização do sonho de ser professora. Não basta estudar para ser. Por mais que se estude sempre temos a sensação que ainda falta alguma coisa. Ainda falta muito para que a educação tenha mais qualidade. A união da categoria faz toda diferença e quando se trabalha num grupo unido os fazeres pedagógicos pesam menos. Erramos quando achamos que sabemos mais uns que os outros. Cada um pode ser bom em alguma coisa que possa completar o outro. Temos que ter sensibilidade suficiente para acolher as crianças que estão ao nosso redor não só para aprender, mas para nos ensinar a ser melhores. No final de tudo elas é que traçam nossos caminhos; elas que nos dão gás suficiente para não desistir. Estou encerrando essa pesquisa sabendo que não podemos parar por aqui. Os percursos

são os mais variados possíveis. Se vamos ou não alfabetizar vai sempre depender dos caminhos percorridos pelas crianças e também por nós. Caminhos que são traçados e alterados à medida que houver necessidade, pois tudo depende do contexto educativo, do público alvo e das políticas públicas de incentivo à educação e aos professores em geral.



HORA DA SAÍDA

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação. Desafios da formação: proposições Curriculares para a Educação Infantil. Secretaria Municipal de Belo Horizonte, 2013. 3v.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modo de fazer de professores. In.: SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005, 64p. (Coleção Alfabetização e Letramento) p. 24-53.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; SILVA, Ceris Salete Ribas da. A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula. In: SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005, 64p. (Coleção Alfabetização e Letramento) .p.20 - 25.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita. SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005, 64p. (Coleção Alfabetização e Letramento).

VIEIRA, Martha Lourenço; VAL Maria da Graça Costa. Produção de textos escritos. In: SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005, 64p. (Coleção Alfabetização e Letramento). p.42-

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 29 - 193 . (se tratar de capítulo deve ser informado autor e título da capítulo, como nas referências anteriores)

GURGEL, Thais. O desenho e o desenvolvimento das crianças. Nova Escola, [s.l.], dez. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/121/o-desenho-e-o-desenvolvimento-das-criancas>